

A CULTURA AUDIOVISUAL E OS CONFLITOS SÓCIOÉTNICOS: CONSTRUINDO LEITORES CRÍTICOS

Laécio Fernandes de Oliveira¹
Linduarte Pereira Rodrigues²

Universidade Estadual da Paraíba/UEPB¹
lfoliveira.36@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba/UEPB²
linduartepr@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo realizar uma leitura crítica discursiva da cena intitulada *cena de jantar* da telenovela - Duas Caras - autor Aguinaldo Silva. Visualizar os conflitos sócioétnicos nas perspectivas da linguagem multimodal, por sua característica em utilizar uma gama de recursos expressivos para comunicar, como som, cores, gestos, intenções, cenário, dentre outros; dos gêneros discursivos responsáveis pela organização das atividades humanas; da história, pois toda atividade humana é representativa e reflete aspectos histórico, documental e cultural pelo seu caráter de registro social. Diante da necessidade de se formar leitores críticos, cientes da diversidade das relações étnicas e dos conflitos sociais existentes, no mundo contemporâneo, acreditamos que leituras nesta perspectiva, que desnudam discursos cristalizados e linguagens em voga, devem ser fomentadas no âmbito educacional e para além dele. Neste sentido, uma leitura críticodiscursiva, nos moldes que se apresentam neste trabalho, possibilita a percepção, por parte dos leitores, de como a linguagem é multifacetada e opaca, possibilita desvendar sentidos embrenhados nas nuances das linguagens e do discurso, além de características históricocultural e, de possibilitar a inclusão ao passo que desconstrói estereótipos e preconceitos a exemplo do racismo. Os gêneros discursivos, por sua vez, aglomeram características históricas e documentais, por sua capacidade em organizar as atividades comunicativas humanas e registrar culturalmente: acontecimentos, hábitos, discursos e linguagens de uma sociedade, a exemplo do gênero telenovela em análise neste estudo.

Palavras-chave:

Linguagem multimodal, conflitos sócioétnicos, cultura audiovisual.

INTRODUÇÃO

Os estudos da linguagem têm avançado consideravelmente no mundo contemporâneo, justificando-se pela percepção de que o homem é feito e constituído de/pela linguagem. As instruções dos documentos oficiais, que regulamentam o ensino da língua materna, postulam que este deve pautar-se nas diversidades de linguagens como “constituidoras de significados, conhecimentos e valores” (BRASIL/PCNEM, 2006) p. 87). A linguagem, assim, interpretada, ganha destaque pela sua “capacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são

¹ Professor da Rede Estadual de Educação da Paraíba e Mestrando pela Universidade Estadual da Paraíba, no Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores.

² Dr. em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba, e Professor pela Universidade Estadual da Paraíba.

compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade” (p. 125).

Ao considerar esta perspectiva, intencionamos neste trabalho, realizar uma leitura críticodiscursiva da cena: *cena de jantar* da Telenovela *Duas Caras*, do autor Aguinaldo Silva, enfatizando os conflitos sócioétnicos, nas perspectivas da linguagem multimodal, haja vista que, a multimodalidade considera e se propõe a levar luz aos inúmeros recursos intrínsecos às várias formas e nuances que compõem as linguagens, conforme aponta Dionísio (2014), a linguagem perpassa os campos do cognitivo e do biológico e carrega consigo características do campo sensorial e se relaciona como aspectos histórico e social.

Buscamos realizar uma leitura, também, pautada nas concepções dos gêneros discursivos, ao considerarmos que estes são indispensáveis à comunicação humana, fenômeno que ocorre por meio de diversas formas de manifestação, desde oral, escrita, gestuais, desenhos, gráficos, sons etc., o que torna os gêneros, como propõe Bakthin (1997), responsáveis, pois estão diretamente ligados às muitas esferas de organização das atividades humanas. A trilha discursiva segue, também, um caminho histórico, documental, haja vista, a atividade humana ser representativa e reflexiva de aspectos tanto histórico quanto documental e cultural pelo seu caráter de registro social.

Leituras nestes moldes, justificam-se pela grande exposição que os sujeitos estão expostos, na contemporaneidade, de informações elaboradas a partir da junção de múltiplos recursos, desde visuais, audiovisuais, fisionômicos, dentre outros, constituídos com base/e em contextos e cenários que, muitas das vezes, exploram e retomam discursos e linguagens históricoculturais diversos, exigindo do leitor múltiplas habilidades e letramentos. E, a instituição educacional, como habilitada em fomentar o desenvolvimento cognitivo dos sujeitos e proporcionar letramentos, apresenta-se como espaço em que práticas de leituras críticodiscursivas sejam propiciadas e estimuladas, com o intuito de formar sujeitos mais críticos, atuantes. Características, essas, que são fortemente exigidas nas sociedades contemporâneas.

Para tanto, garimpamos um aporte de leituras teóricodiscursivas articuladas com a área dos estudos da linguagem multimodal estimulados por Dionísio (2014) e Carvalho (2013); Ferrarezi Jr.(2008) e Rodrigues (2016) sobre as relações de sentido entre texto cultura e história; Bakthin (1997) sobre gêneros do discurso; Napolitano (1998), sobre as relações e considerações sobre história e documento, dentre outros.

No próximo tópico, teremos uma discussão do aporte teórico base para o desenvolvimento de nossa análise. No tópico três, faremos uma contextualização do gênero discursivo telenovela intitulado, *Duas Caras*, origem do vídeo objeto de análise. E, no tópico

quatro, apontaremos alguns resultados e considerações do estudo visando contribuir, estimular outras discussões.

A(S) LINGUAGEM(NS) MULTIMODAL(IS), OS GÊNEROS DISCURSIVOS: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO, CULTURAL E DOCUMENTAL

A linguagem tem seu lugar de destaque, de propulsor da comunicação, do contato e diálogo com o mundo e com os sujeitos, desde o surgimento do homem. No período pré-histórico, o ser humano, com sua precariedade peculiar, utilizou-se da linguagem rupestre para comunicar-se, fazer história e transmitir cultura, transformando esses inscritos/linguagem em documentos, os quais, são objetos de estudo de linguistas, antropólogos, sociólogos e historiadores.

A(s) linguagem(ns) materializa/m discursos, vozes outras que se mantêm vivas, atualizadas, renovam-se através do sujeito que deseja comunicar, percorrendo e construindo um processo dialógico entres vozes e discursos do ontem com as/os de agora. Zunthor (1997), em sua obra, *Introdução a Poesia Oral*, elabora um pensamento que evidencia a(s) linguagem(ens) com materialidade da voz e outros códigos que o grupo humano elabora, expõe que a linguagem é enunciação da palavra e, esta, “ganha em si mesma valor de ato simbólico: graças à voz”, o ato de enunciar “é exibição e dom, agressão, conquista e esperança de consumação do outro; interioridade manifesta, livre da necessidade de invadir fisicamente o objeto de seu desejo: o som vocalizado vai de interior a interior e liga, sem outra mediação, duas existências (p.10).

Evidenciando o poder da linguagem e seu destaque nas sociedades contemporâneas, reforçamos a ideia de que o sujeito se constitui de/a partir da linguagem, que esta não é transparente, nem neutra, sua opacidade carrega conteúdo simbólico e por meio dela nos defrontamos com o mundo e com outros sujeitos, com a história e com sentidos, continuamente, damos nossa contribuição com nossas ações e pensamentos, reproduzindo-os, ou, transformando-os.

Ao considerar a linguagem, à luz do exposto, os documentos oficiais (Brasil/OCEM, 2006,) recomendam um olhar sobre o ensino de Língua Portuguesa, com base em “se é pelas atividades de linguagem que o homem se constitui sujeito, só por intermédio delas é que tem condições de refletir sobre si mesmo”. Assim, o processo de ensino - aprendizagem deve explorar os aspectos biológicos e psicossociais da linguagem implicados no funcionamento dos sistemas semióticos, tão em voga na contemporaneidade pela consideração do processo de desenvolvimento e o próprio funcionamento da língua e

da linguagem, consideram as relações entre os processos cognitivos ou intra - psicológicos, e os processos sociais ou inter - psicológicos.

No caminho do que propõe os estudos contemporâneos sobre o ensino língua/linguagem, bem como os documentos oficiais, está o trabalho com o texto a partir da concepção dos gêneros discurso, aos moldes postulados por Bakthin (1997, p.290):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos desta utilização sejam variados como as próprias esferas da atividade humana. [...] A utilização da língua se realiza efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas [...] cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Assim, através dos gêneros do discurso, língua/linguagem efetivam-se num movimento de enunciação, processo pelo qual, estão intimamente articuladas as instâncias: língua, enunciado e gêneros do discurso resultantes em formas – padrão “relativamente estáveis” de enunciados determinadas sócio-historicamente. Para Bakthin, só nos comunicamos, escrita/oralmente, por meio dos gêneros do discurso, pois eles permeiam o cotidiano dos sujeitos, que dispõem de uma diversidade de gêneros, desde um discurso em situações formais a conversa mais informal, são moldados pelos gêneros em uso.

Ora, diante da relativa estabilidade dos gêneros, o estudioso refere-se ao fato que, além deles moldarem-se aos contextos e às necessidades comunicativas dos sujeitos, os gêneros do discurso estão sujeitos às interferências e às nuances da história e da cultura, sofrem atualizações e transformações: velho e novo estão constantemente em diálogo, numa espécie de metamorfose, refletem e registram ações, hábitos e costumes das sociedades, tomando em muitas das vezes, caráter documental, características que os tornam instrumentos sócio - históricos e culturais.

Para exemplificar, didaticamente, esta relação entre língua/linguagem, cultura e história e, como essas instancias então diretamente ligadas ao conceito de gêneros do discurso bakthiniano, tomemos a linguagem coporal - tatuagem - com origem, segundo a história, no primeiro “homem de gelo”- Ötzi - que viveu há 5200 anos, encontrado na região dos Alpes, entre Itália e Áustria, com 50 marcas de tatuagem na pele, nas costas e atrás dos joelhos (ARAÚJO, 2005 p.12,13). Estudos científicos comprovaram que os desenhos foram realizados com fricção de carvão em cortes verticais feitos na pele e exames de raio X revelaram degenerações ósseas ao lado de cada tatuagem, conduzindo os

cientistas a constatação da cultura dos desenhos como espécie de tratamento médico para diminuir a dor.

Tal fato denuncia uma cultura histórica medicinal, do homem Ötzi, em se relacionar com o corpo e produzir sentidos. Ao longo dos séculos, essa relação foi sendo ressignificada e, atualmente, como podemos notar na imagem fornecida por uma mulher contemporânea, há uma outra forma de se relacionar e produzir sentidos através corpo, que se tornou espaço de linguagem, principalmente, no campo da estética, produção do belo, com a supervalorização da beleza nas sociedades contemporâneas. Assim, através do corpo, os sujeitos produzem sentidos, constituem-se, (res)significam a si mesmos e ao mundo.



Na imagem acima, há uma relação de sentido simbólica, metafórica entre linguagem, indivíduo e com o mundo por meio da representação cultural. Uma forma poética de se relacionar consigo mesmo e com os outros, construir identidades: individual e coletiva, confirmando o afirmado por Hall (2000), a identidade é construída/ressignificada, continuamente, articulada aos modos como estamos sendo representados, interpelados pelos sistemas culturais com os quais nos identificamos e nos englobam.

A linguagem marcada no corpo, expõe uma forte subjetividade por meio de traços e linhas, sua delicadeza de detalhes, juntamente, com o significado de visão inerente ao desenho escolhido, denunciam a constituição de uma identidade de si, como também de mundo, é metafórico/simbólico para a tatuada, a(s) relação(ões) de sentidos entre a beleza da linguagem latente em sua pele, com a beleza que enxerga/procura enxergar nos “pequenos-grandiosos detalhes” do mundo, marcados na linguagem, latente na sua pele.

A linguagem, assim, assume uma papel de “constructo social, em que linguagem e sociedade se modelam de forma bidirecionais” - a linguagem molda a sociedade e moldada por ela, coadunando com campo teórico da semiótica social, como aponta Vieira e Silvestre (2015), muda-se o “enfoque linguístico para o recurso semiótico, para

descrever, interpretar e explicar como as pessoas produzem artefatos ou eventos comunicativos e como os interpretam em contextos e situações e/ou práticas específicas” (p.10). Outrossim, não se analisa os diversos modos semióticos em si mesmos, pelas múltiplas características de cada um de seus sistemas, mas a abordagem consiste em pesquisar os recursos semióticos dos diversos sistemas articulados e presentes nos textos multimodais.

Voltar-se para o texto com este olhar, Ferrarezi Jr. (2008, p.23), é observar “uma língua natural, um sistema de representação do mundo e de seus eventos, [...] um organismo criado apenas em função das necessidades representativas exigidas pela cultura e a esta, intimamente, relacionadas”. Nestes moldes, há uma inerente relação entre língua e cultura responsável pela formação dos sentidos e pela associação destes às palavras ou outros sistemas de signos usados na representação.

Nesta perspectiva, Rodrigues (2016, p.142), destaca a importância da “inclusão do sujeito escolar na história da materialidade textual utilizada como produto de linguagem que opera na cultura como prática social, o texto é, sem dúvida, meio e foco para a aula de língua portuguesa”. No mais, segue (*idem*, p.143), “creio que situar o sujeito no centro das reflexões linguísticas significa hoje em dia voltar-se para o exterior da língua, para produção sócio-histórico-cultural do texto e da atualização dos discursos que operam sentidos ideologicamente situados pela historicidade da palavra”.

Diante da diversidade de linguagens cada vez mais frequentes nos últimos anos, destacamos os gêneros com características de incluírem imagens (paradas e em movimentos), com circulação nas sociedades atuais, e, sobretudo, por deterem o poder de atrair a atenção do leitor e por atualizarem, aos olhos de Napolitano (1998, p.149), a concepção de documento histórico.

As novas linguagens/documento, caracterizadas assim por Napolitano, por representarem e refletirem, discursivamente, os aspectos: histórico, cultural, étnico e social da formação das sociedades, quando se trata da História do Brasil ou qualquer item de “história temática”, a exemplo o racismo, os gêneros telenovela e telefilmes destacam-se e, possibilitam uma abordagem didaticopedagógica com o intuito de formar leitores críticos. Todavia, afirma, ser necessário cuidado ao incorporar as ‘novas linguagens, numa época de desvalorização do conteúdo socialmente acumulado pelo conhecimento científico” (*ibidem*).

Recorrendo a Umberto Eco, o historiador (*idem*, p.152), aponta alguns cuidados fundamentais, que devem ser evidenciados, ao propiciar o contato e leituras dos gêneros

televisivos, para que não se propaguem estereótipos, visões de mundo e sobre grupos minoritários da sociedade já marginalizados no decorrer da história, destacaremos três: a intenção do remetente da mensagem; as estruturas comunicacionais – o meio e o código da mensagem e as reações do receptor - situação sócio-histórica do público receptor e repertórios culturais para decodificação da mensagem consumida.

O próximo tópico: análise do vídeo *cena de jantar* da telenovela *Duas Caras*.

O RACISMO NA CENA INTITULADA “CENA DO JANTAR” DA TELENOVELA DUAS CARAS: uma leitura críticodiscursiva sob o olhar da linguagem multimodal

Segundo o site *Gloco.com*, A telenovela brasileira - *Duas Caras* - produzida pela emissora de televisão - Rede Globo - foi exibida entre 01 de outubro de 2007 a 31 de maio de 2008, contendo 210 capítulos e substituiu *Paraíso Tropical*. Foi a 70ª "novela das oito" da emissora. Escrita por Aguinaldo Silva e direção geral núcleo de Wolf Maya, cujo enredo desenvolveu-se com base nos gêneros romance/drama.

A história tem como pano de fundo a cidade do Rio de Janeiro e uma favela fictícia – “Portelinha” - inspirada na comunidade Rio das Pedras. A telenovela narra a história da vingança de Maria Paula contra Marconi Ferrão, em duas fases, expondo conflitos entre classes sociais, de um lado, o núcleo representante da classe média/média alta e do outro, o núcleo representante dos trabalhadores/as. O drama romanesco envolve várias temáticas: religião afro-brasileira: umbanda; assédio sexual; dislexia; bissexualidade e uso de ansiolíticos, mas, como tema principal o racismo. A música tema da telenovela é *E Vamos à Luta* do cantor e compositor Gonzaguinha, lançada em 1980.

A canção carrega consigo uma mensagem altruísta, de garra e luta pela vida, pelo trabalho como forma de dignidade e crescimento, de não se deixar abater pelas injustiças sociais e por governos autoritários. Sentidos esses, que retomam o contexto da ditadura militar, em virtude do cantor ter participado de movimentos sociais de esquerda no período. Mas, destacamos, principalmente, a mensagem de uma juventude guerreira que não se deixa desaminar, comprovada nestes versos *Eu vou à luta com essa juventude / que não corre da raia a troco de nada / eu vou no bloco dessa mocidade / que não tá na saudade e constrói a manhã desejada*. Um povo comum que batalha pelo alimento, pela sobrevivência todos os dias com felicidade e vontade de viver.

Em entrevista ao site - *O Planeta TV!* - o escritor Aguinaldo Silva - explica sobre suas intenções e visão que desejava transmitir através da telenovela, comenta que nos filmes e nas novelas que já assistiu, as favelas são locais de violência e morte, de pessoas,

em sua maioria, que não trabalham e vivem do tráfico: “na minha favela moram trabalhadores e o que impera é a lei e a ordem. [...] Como acontece na vida real, a favela se mistura aos bairros de classe média que a rodeiam. Seus moradores trabalham nas casas e no comércio próximo”. Continua o autor, “essa história de que na favela só tem bandido, tiroteio e tráfico é conversa de quem nunca foi numa delas”, destaca a intenção de humanizar esse espaço que já foi tão marginalizado em outras novelas e filmes e mostrar pessoas comuns: trabalhadoras e dignas.

Como podemos perceber, há relação de sentidos relacionando fatos e contextos históricos distintos, porém, em diálogo na letra da canção de Gonzaguinha, discursos e vozes outras, que ela carrega de trabalhadores guerreiros que não se abatem com as dificuldades da vida e permanecem firmes, felizes com as intenções e pensamentos do autor da telenovela: de que as pessoas que moram em uma favela, carregam consigo essas características, têm essa identidade, o que demonstra a elaboração de um projeto por parte do escritor com intenções claras de transmitir significações e propagar sentidos. Portanto, reafirmamos o estipulado pelo historiador Marcos Napolitano (*idem*, p.153) que ao se trabalhar linguagens/documentos como o gênero telenovela, devemos deixar evidente as intenções dos autores e suas mensagens, com o cuidado de não contribuir com a propagação de discursos estereotipados, cristalizados no imaginário coletivo.

Feito esta contextualização, passaremos a análise críticodiscursiva do vídeo “cena de jantar” recortado da supracitada telenovela. Para cumprir nosso objetivo, faremos um *prímt* [recorte imagético] do início da cena, seguido de descrição, reprodução das falas das personagens para atender à análise. O link do vídeo encontra-se disponível nas referências.



Imagem: cena do jantar

A imagem – cena de jantar - apresenta a *cena do jantar* da telenovela *Duas Caras* na qual, a personagem - Júlia - interpretada por Débora Falabella, apresenta o namorado à família, a personagem – Evilásio - interpretada por Lázaro Ramos, insultado, por ser negro e morador da favela, pelo pai de Júlia – Barreto – personagem de Stênio Garcia.)

À luz da linguagem multimodal, devemos realizar uma leitura para além do texto escrito e oral, pois os significados são produzidos, distribuídos, recebidos, interpretados e reproduzidos através de uma série de modos comunicativos e representacionais – gesto, postura, olhar, imagem, Carvalho (2013), bem como, cenários e contextos conforme Ferrarezi Jr. (2008).

Nesta perspectiva, notamos que o cenário, da cena do jantar, ricamente montado em detalhes luxuosos: como cálices e talheres de prata, muitos familiares e amigos à mesa, tudo e todos regados à etiqueta e à cerimônia, servidos por uma negra, o que é significativo, pois afronta o convidado e retoma a discussão do negro numa posição de inferioridade na sociedade, somando-se dois “criados” à disposição aos cantos da sala. O típico cenário da formação das famílias aristocráticas burguesas dos séculos XVIII e XIX.

Todos à mesa, a personagem Barreto enuncia as seguintes frases: *Evilásio, mais um vinho, o que achou do vinho, Evilásio?* Ao passo que Gioconda, sua esposa, toma a palavra, com a intenção de silenciar o convidado, respondendo à pergunta: *oraaaa, Barreto, de um malbec argentino, vindo dos confins da Patagônia, que é o lugar onde o mundo realmente começa e não vai acabar...*, Barreto, interrompe a esposa, pedindo para deixar o convidado responder, um clima de tensão espalha-se pelo ambiente, toma conta das feições dos convidados, todos antevendo as intenções do anfitrião. Evilásio: *deixa eu ver [...] dá um gole no vinho e o chacoalha na boca, fazendo barulho, ao ponto de alguns convidados fazerem impressões de incomodo, Barreto espera ansioso pela avaliação, gosto de asfalto quente com charuto, risos e algumas expressões faciais: umas de alívio e diversão outras de espanto, Júlia, entre risos: de onde você tirou isso?* Evilásio explica que leu em uma revista especializada em vinhos [...] risos. Oportunamente, Barreto, furioso, retoma a fala gritando: *negrinho metido a besta!* Um clima de tensão espalha-se pelo ambiente e toma conta de todos: uns assustados, outros horrorizados. Júlia furiosa: *ou você retira o que disse e pede desculpa ou eu levanto dessa mesa com Evilásio e vou embora ... eu tô esperando você pedir desculpas ...* Barreto: *eu peço desculpa sim, peço desculpa aos meus convidados, por estarem assim, expostos a esse tipo de gente. Se é que isso é gente, [...] Barreto retoma a fala: um favelado, metido a besta, um pé rapado metido a besta, que acha que pode ser um comensal de gente como nós ...* Júlia: *você enlouqueceu?* Barreto: *quem enlouqueceu foi você, trazer esse sujeito pra nossa mesa [...]* Júlia: *pede desculpa!* Barreto: *magina...eu pedi...ha..Paulo de Queiroz Barreto pedir desculpa a um tição! [...] eu falo o que todo mundo pensa e não tem coragem de dizer, não gosto dessa gente, é uma gente insolente, uma gente indolente, que... só serviu para atrasar o nosso país, e se o*

nosso país chegou até esse ponto em que está, foi graças aos europeus [...]olha pra essa gente [...] a culpa desse país não funcionar é por causa dessa gente [...]O amigo político interfere advertindo Barreto que ele como advogado deveria saber o crime de racismo que estava cometendo, Barreto retruca dizendo que ele era um demagogo querendo só saber dos votos deles [...] pois fique sabendo seu deputado que essa sua demagogia política vai para o beleleu se sua filha se envolver com um deles [...] Júlia: é ... disso que o senhor tá falando, paí? [...] Barreto dirige-se a Evilásio perguntado o que ele está esperando para ir embora, Evilásio: eu tô vendo que o senhor me recebeu na sua casa só pra me humilhar, não é Dr Barreto? [...] não me humilhou, Dr Barreto, eu saio daqui de cabeça erguida, com a mesma dignidade que herdei do meu pai que é negro e trabalhador como eu, que me ensinou a ter educação, quem acabou se humilhando aqui foi o senhor, Dr. Barreto, perante todos os seus convidados, falando tanta besteira, tanta ignorância, quando podia ter pedido com educação, que eu me retirasse da sua casa [...], com licença.

De acordo com Ferrarezi Jr. (*idem*) há uma relação entre língua e cultura responsável pela formação dos sentidos e pela associação destes às palavras ou outros sistemas de signos usados na representação, dessa forma podemos perceber que os discursos da personagem Barreto, situa-se num contexto cultural histórico de muito preconceito e demonstra um profundo racismo. Ao utilizar os pronomes sempre em terceira pessoa (essa, dessa) associados ao substantivo (gente) e do artigo indefinido (um, uma) ao adjetivo (neguinho, tição) entre outros, a personagem expõe sua rejeição e negação pelo povo negro.

A montagem do cenário e das personagens, bem como, suas linguagens corporais: expressões faciais, vestimentas, gestos, sons e posicionamentos diante do cenário, demonstram posturas política e social, evidenciam seus discursos, seus efeitos de sentidos. Assim como coloca em evidência e contrasta as visões de mundo, distintas: a da classe burguesa representada na figura do Advogado Barreto, branca, racista e, a classe dos trabalhadores, com origem na favela, na figura de Evilásio, uma personagem: com uma postura clara, transparente, humana e trabalhadora, ética e com forte personalidade política, que se reconhece, se valoriza enquanto negro, postura construída com intenções claras do autor, Aguinaldo Silva, em humanizar e quebrar o esteriótipo de violento, marginalizado, atribuído ao povo da favela. Postura, fortemente, percebida durante toda cena, haja vista, a personagem ter sido vítima de preconceito, racismo, insistentemente, e, em nenhum momento, deixou-se atingir perdendo o controle. Contudo, demonstra seu horror e indignação através da linguagem corporal: gestos, expressões faciais e oralidade.

Vista nestes moldes, podemos afirmar que a cena em questão é permeada de uma linguagem multimodal, históricocultural e discursiva, confirmando as palavras de Dionísio (*idem*), pois a linguagem vai além dos aspectos cognitivo e biológico, perpassa a área sensorial relacionando-se com a história e o social somando-se ao caráter documental do gênero telenovela, conforme Napolitano, pela inerência das linguagens e todas suas características, por ser produto e organizador das atividades humanas conforme postula Bakhtin.

RESULTADOS E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A linguagem é ponte entre o mundo e os sujeitos, intermedia o desenvolvimento cognitivo como descrito por Rodrigues (2011), além de carregar características biológicas e psicossociais implicadas no funcionamento dos sistemas semióticos, em voga atualmente.

Por ser materialidade de discursos e seus efeitos de sentidos, a linguagem é multifacetada, opaca por natureza, reflete os processos: histórico, cultural, político e social vivenciados pelo homem, evidencia suas lutas e conflitos. Como aponta a psicanálise junguiana (1964), a palavra, escrita ou falada, é utilizada pelo homem, como expressão e transmissão de desejos, com uma linguagem permeada de simbologias, faz uso de sinais e/ou imagens que não são meramente descritivos, são simbólicas, pois implicam alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato, o que exige do outro, leitor/coenunciador, um olhar semiótico, multimodal, conhecimentos de mundo, de culturas dentro de um processo híbrido e dialógico.

Portanto, este estudo permitiu-nos um olhar sobre a linguagem diferenciado, ao observar seus aspectos multimodais: cores, sons, gestos, posicionamentos, isso tudo posto em um contexto, cenário com intenções predefinidas contribui para produção de sentidos múltiplos. A exemplo do gênero telenovela, que tem como característica a ficção, na maioria das vezes, de acordo com Napolitano (*idem*), para um leitor desatento, ficção e realidade se confundem, levando a propagação de estigmas circulantes nas sociedades, o que exige do leitor/coenunciador conhecimentos de mundo, da história das sociedades e de suas culturas, uma vez que, a linguagem e seus efeitos de sentidos encontram referência na história.

Foi possível, também, comprovar o caráter histórico e documental da linguagem, associados aos gêneros do discurso postulados por Bakhtin, haja vista, serem moldáveis às necessidades culturais de comunicação do homem e das sociedades, aspectos esses que exigem do leitor olhar críticodiscursivo sobre discursos e sentidos cristalizados no

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

imaginário coletivo, com a responsabilidade e o comprometimento de não ser propagador de estereótipos e preconceitos advindos de outros contextos: cultural e histórico, que não encontra mais razão de ser nas sociedades atuais, a exemplo do racismo.

Finalizamos este trabalho, pretenciosos, crentes por estarmos contribuindo para que a discussão sobre temáticas que afligem as minorias sejam contínuas, convictos de que uma leitura críticodiscursiva, desenvolvida nos moldes apresentados, não só desenvolve um leitor crítico, mas, também, forma cidadãos conscientes e conhecedores da história das sociedades às quais pertencem e, sobretudo, promove inclusão, uma vez que, contribui com a quebra de paradigmas preconceituosos, racistas através do conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Leusa. **Tatuagem, piercing e outras mensagens do corpo**. São Paulo: Cosac Naify, 2005).
- BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio/Língua Portuguesa**. Secretaria de Educação Básica. - Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso**. 2 Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- CARVALHO, Flaviane Faria. **Temas Contemporâneos em Semiótica Visual**. Brasília: CEPADIC, 2013. 93p.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. **Multimodalidades e leituras: funcionamento cognitivo, recursos semióticos, convenções visuais**. Recife: Pipa Comunicação, 2014.
- FERRAREZI JR., Celso. **Semântica para Educação Básica**. São Paulo: Parábola Editorial, 1 Ed., 2008.
- JUNG, Carl G. **O Homem e seus Símbolos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 6 Edição, 1964. Tradução de Maria Lúcia Pinho.
- NAPOLITANO, Marcos. A televisão como documento. In: BITTENCOURT, Circe (org). **O saber histórico na sala de aula**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- RODRIGUES, Linduarte Pereira. **Folhetos de Cordel no Ensino de Língua Materna: aspectos culturais e formação docente**. In.: Revista do GELNE -Natal/RN, Vol. 18 - Número 2: 140-167. 2016.
- VIEIRA, Josenilda. SILVESTRE, Carminda. **Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmica-Funcional, Análise do Discurso Crítica, Semiótica Social**. Brasília, DF, 2015.
- ZUNTHOR, Paul. **Introdução a poesia oral**. Tradução: Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz e Maria Inês. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SITES

- <http://Globo.com/Gente/Noticias/>. **Novela Duas Caras**. Acesso em 27/07/2018 às 10:40.
- <https://Oplanetatv.com.br/colunas/entrevistas>. **Aguinaldo Silva fala sobre Duas Caras**. Acesso em 27/07/2018 às 16:02.
- <https://www.youtube.com/watch>. **Gonzaguinha Vamos à luta**. Acesso em 27/07/2018 às 17:11.